



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Erosões no rosto da linguagem

Manoel Moacir Rocha Farias Junior

Para citar esta Resenha:

FARIAS JUNIOR, Manoel Moacir Rocha. Erosões no rosto da linguagem. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 50, abr. 2024.

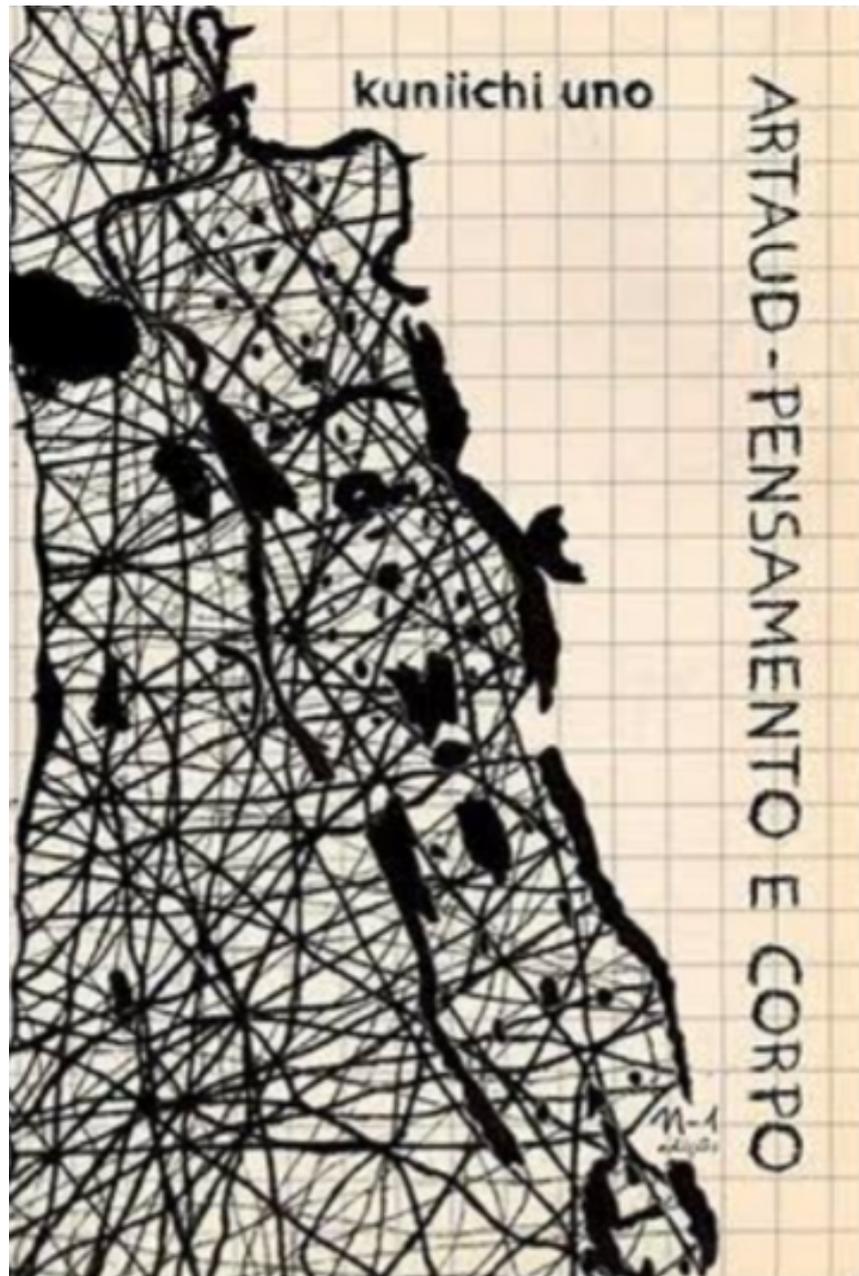
 DOI:10.5965/1414573101502024e0802



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

Resenha da obra

UNO, Kuniichi. *Artaud: pensamento e corpo*. São Paulo: N-1 edições, 2022.





Erosões no rosto da linguagem

Manoel Moacir Rocha Farias Junior¹

Resumo

Esta resenha buscou mostrar as principais ideias do estudo de Uno sobre a poética de Artaud. Observou-se que Uno faz um intenso diálogo com conceitos de filosofia, como os de corpo sem órgãos e variação contínua, presentes sobretudo na obra de Deleuze e Guattari. Objetivou-se mostrar a atualidade do pensamento de Artaud, sua visão sobre uma política do corpo, seus ecos na cena artística e filosófica.

Palavras-chaves: Artaud. Filosofia. Corpo.

Erosions on the face of the language

Abstract

This review sought to show the main ideas of Uno's study of Artaud's poetics. It was observed that Uno forms an intense dialogue with concepts of philosophy, such as the body without organs and continuous variation, present especially in the work of Deleuze and Guattari. The aim was to show the current nature of Artaud's thought, his vision of body politics, and its echoes in the artistic and philosophical scene.

Keywords: Artaud. Philosophy. Body.

Erosiones en el rostro del lenguaje

Resumen

Esta reseña buscó mostrar las ideas principales del estudio que Uno hizo de la poética de Artaud. Se observó que Uno establece un intenso diálogo con conceptos de la filosofía, como el cuerpo sin órganos y la variación continua, presentes especialmente en la obra de Deleuze y Guattari. El objetivo era mostrar la actualidad del pensamiento de Artaud, su visión de la política del cuerpo y sus ecos en el panorama artístico y filosófico.

Palabras clave: Artaud. Filosofía. Cuerpo.

¹ Doutorado em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Artes Cênicas pela USP. Especialização em Docência no Ensino Superior pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Graduação em Letras – português e inglês pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de inglês na rede municipal de Aquiraz.  mmoacir81@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/3241283184164102>

Adaptado da tese de doutorado de Kuniichi Uno, orientado por Gilles Deleuze, o estudo *Artaud: pensamento e corpo* chega num momento efervescente ao cenário cultural brasileiro, num período de reconstrução de políticas públicas afirmativas da vida, em oposição ao conservadorismo e aos diversos genocídios dos anos do governo Bolsonaro.

Escritor de uma voz fluente e poética, que incorpora metáforas dos textos artaudianos, Uno analisa um pensamento que muitas vezes esteve disperso em cartas e cadernos, além dos textos mais conhecidos e publicados. Sua pesquisa se divide em cinco capítulos, cada um deles se referindo não só às ideias, mas também a aspectos biográficos de Artaud.

Em *Pensamento sem imagens*, acompanhamos os primeiros passos de uma poética que vai se desdobrando entre a poesia e o teatro, formas que sempre estarão presentes nas muitas fases e faces de Artaud. A desconfiança da linguagem que vemos aí viria, segundo Uno, da consciência do próprio sofrimento, o que leva Artaud a se indagar sobre os signos do pensamento e de como lidar com eles. Já há ataques aos modelos tradicionais de representar e imaginar, como se percebe na aliança com o movimento surrealista. Aliança esta que se mostrou frágil, pois Artaud ali viu uma estética que, apesar de nova, não poderia dar conta de suas questões com a criação.

No capítulo *A pesquisa de linguagem*, Uno nos remete às experiências de Artaud no cinema e no teatro, seja como ator, roteirista ou fundador do Teatro Alfred Jarry. No cinema se destaca sua obra (roteiro) *A concha e o clérigo*, que apesar de ter obtido pouco sucesso comercial, se mostra como uma verdadeira experimentação de linguagem que nada deve ao que de melhor se produziu no cinema poético de uma Maya Deren ou de um Louis Buñuel. Tanto no cinema quanto no teatro se percebe uma pesquisa de formas e tempos que são traduzidos como uma música essencialmente visual. Talvez por isso, Artaud abandona o cinema com a chegada do som.

A distribuição das forças no teatro se faz colocando seus elementos (voz, gestos, luz, personagens) em variação contínua. Expressão que serve de base para as análises de Deleuze sobre Carmelo Bene em *Um manifesto de menos* e que é

por ele definida como: “amplitude que não pára de extrapolar por excesso ou por falta, o limiar representativo do padrão majoritário” (Deleuze apud Uno, 2022, p. 106). Assim, é no teatro balinês que se mostra a Artaud a realização de suas ideias sobre a criação de cenas em que se mostram importantes cada vez mais o cálculo e o rigor, que são elementos chaves para definir seu teatro da crueldade, a nosso ver. Mais importante do que anunciar um tipo único como válido, aqui se anuncia um caminho alternativo ao aristotelismo (com o peso de sua *Poética*) numa nova forma de compor a cena: “Descoberta na experiência da angústia, uma semiótica pulsional se encarna no teatro de Artaud” (Uno, 2022, p. 111).

Em *Heliogábalo, a história das forças*, Uno estabelece alguns paralelos da peça *Heliogábalo ou o anarquista coroado*, com a proposta da crueldade de seu autor. Aqui o formato textual, cujo enredo começa no fim da vida do personagem que lhe dá título, se dá num movimento circular. Trata-se da vida do imperador romano, que tem origem síria, narrada em terceira pessoa, mas atravessada em alguns momentos por um “eu”. Na análise de Uno: “O espaço de Heliogábalo é *afetivo* sem análise psicológica, é *demonstrativo* como estudo do espaço das forças, *ritual* sem intriga, impessoal como tipologia de forças” (Uno, 2022, p. 152).

A estrutura do texto de Artaud tem três partes: *O berço do esperma*, no qual Heliogábalo se torna imperador romano; *A guerra dos princípios*, em que se elaboram aspectos filosóficos de sua vida e *A anarquia*, a guerra pela qual ele chega ao poder.

Recentemente traduzido em português, numa adaptação de Fernando Carvalho e Zé Celso, a história de Heliogábalo é resultante de uma pesquisa de Artaud em textos sagrados orientais, buscando “tratamento e atividade das forças que podem resistir à separação e à organização que o cristianismo e o Ocidente operaram sobre a vitalidade e as forças” (Uno, 2022, p. 164). Nesse sentido, Uno pontua que a crueldade se manifesta através de como são mostrados a guerra, a política e os ritos, narrados de modo simples e num tom arcaico.

Em *A pesquisa do corpo*, temos um longo e apurado olhar para as metáforas que envolvem corpo e linguagem em Artaud. Esse conflito, por assim dizer, se expressaria na relação entre o corpo entendido como organismo (um corpo que

deve funcionar segundo regras e funções) e o corpo sem órgãos (imagem que aparece no texto *Para dar fim ao juízo de Deus* e que foi desdobrada e elaborada como conceito na obra de Deleuze e Guattari).

Em 1936, Artaud viaja ao México e entraria em contato com o ritual do peiete do povo indígena Tarahumaras, com o qual tanto se encantou como entreviu ali uma perda de tradições e uma ocidentalização. Seu ritos, ainda assim, “consistem em encontrar e realizar este outro corpo que não é mais uma montagem de órgãos” (Uno, 2022, p. 192). Com o passar dos anos, Artaud sente cada vez mais o peso do seu corpo biológico, com suas dores e doenças, ao qual ele considera envenenado ou enfeitado, como se vê na sua produção enquanto esteve internado em Rodez.

Sua busca por um novo corpo, leva-o a um retorno ao cristianismo primitivo, o qual ele abandonará mais tarde. Essa etapa de seu pensamento, nomeada por Uno como *gnóstica*, curiosamente o faz seguir para a gênese de uma outra noção de corpo, mais próxima do corpo sem órgãos, acima aludido.

Em seus desenhos, o corpo é fragmentado, começando por autorretratos, nos quais descobre figurações do rosto humano, que é tratado como um enigma. Esse rosto “ainda não encontrou a sua face e cabe à pintura lhe conferir uma” (Uno, 2022, p. 214). Tratado como alegoria de uma vida por vir, na continuação de suas pesquisas sobre novas formas de (se) representar, ele está numa reinvenção anatômica que novamente dialoga com muitas das figurações corporais das vanguardas de seu tempo, desde o cubismo até a escultura de artistas como Hans Bellmer ou Giacometti.

A seguir, Artaud continua com seu projeto de um Teatro da Crueldade, recitando poemas. “Todas as operações físicas e sonoras das palavras - gaguejar, gritar, respirar, modular, apitar, etc. - serão realizadas para que elas se tornem signos e ondas do espaço das forças. adquirindo uma consistência indeterminada” (Uno, 2022, p. 218). Esse posicionamento criativo o leva a se identificar à poesia de Gerard Nerval e mais tarde com a pintura (e à vida) de Van Gogh.

A escrita é, assim, fonetizada e passa a receber palavras inventadas, neologismos, que enriquecem seu texto, embaralham os sentidos, instalam o

nonsense, levando a associações livres entre letras e palavras. Tanto Joyce como Beckett foram dois grandes escritores que levaram até as últimas possibilidades essa aventura modernista, que teve na escrita e nas leituras de Artaud um ponto alto.

Nas últimas obras, Artaud vislumbrou uma política do corpo, no qual instituições (como família, indústria, Estado, medicina, psiquiatria, etc.) são tidas como *orgãos* ou *juízos de Deus*. Não à toa, um de seus últimos textos é a peça/entrevista radiofônica *Para dar fim ao juízo de Deus*, que traz o tom da denúncia já no provocador título.

Uno entrevê, no capítulo *Sem concluir*, diversas figurações corporais, atravessadas também ao longo do livro. Sendo a mais forte a ideia de que o corpo em Artaud busca ser refeito, sendo como que virtual. Sua poesia é uma forma de pensar sobre isso, sobre o paradoxo criado pela luta entre o corpo organismo, o que nos é dado, e o corpo sem órgãos, que está ainda em gestação.

É importante ressaltar aqui, com Uno, que Artaud fez tudo o que lhe foi possível em direção desse projeto estético e de vida, a despeito da acusação de ele não ter sido um homem de teatro com muita produção ou sucesso (comercial). Testou em si, e pela escrita sobretudo, possibilidades que iluminariam todo o século XX e que ainda repercutem no nosso, nos desafiando e pedindo sempre novas elaborações.

Além disso, um dos interesses neste livro, é ver como ele desenvolve uma conversa com conceitos deleuzianos como os de variação contínua ou o de corpo sem órgãos, que são citados por Uno, às vezes com mais rapidez, outras com maior aprofundamento. Aqui podemos ter uma espécie de introdução ao texto do volume três de *Mil platôs, Como criar para si um corpo sem órgãos?*. Nele, a imagem poética de Artaud ganha grande plasticidade e se renova como um conceito ético: o CsO (corpo sem órgãos). Uma das perguntas que os filósofos se fazem é: “Como criar para si um CsO sem que seja o CsO canceroso de um fascista em nós [...]?” (Deleuze, 1996, p. 26).

Do mesmo modo, Nietzsche² e Spinoza são autores que são chamados para

² “Há certamente, questões e pensamentos comuns entre Artaud e Nietzsche em suas profundidades. Ambos



uma conversa filosófica que os coloca junto a Artaud na busca por novas formas de vida e por uma genealogia de poderes e fazeres com o corpo que diríamos ter se desdobrado bem na obra de Michel Foucault.

Por aqui, pesquisadores brasileiros como Ferdinando Martins, Ana Kieffer³, Cassiano Quilici e André Lage já têm nos mostrado como Artaud tem muito a conversar com nosso contexto, num momento em que cada vez mais se repensam as formas ocidentais de fazer teatro e as artes. Parece-nos que Artaud estava, como se diz, bem à frente do seu tempo, buscando vanguarda nas tradições não-europeias, abrindo outras vias de pensar o teatro e a poesia, numa deriva muito próxima da cena contemporânea que temos visto surgir.

Referências

DELEUZE, Gilles E GUATTARI, Félix. *Como criar para si um corpo sem órgãos?* In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

KIFFER, Ana Paula Veiga. Correspondência fabulatória – entre Ana K. e A. Artaud. *Vazantes* – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes, Fortaleza, v. 2, n. 1, p.105-116, 2018.

UNO, Kuniichi. *Artaud: pensamento e corpo*. São Paulo: N-1 edições, 2022.

Recebido em: 13/03/2024

Aprovado em: 15/03/2024

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br

são pensadores da doença, “doente numa perspectiva terapêutica, mas na qual o jogo é uma grande saúde vital fundamental. [...] E ambos conceberam um teatro novo e original sobre estas perspectivas.” (Uno, 2022, p. 257)

³ Kieffer (2018) expõe, por exemplo, de maneira ficcional sua relação com os textos de Artaud e como eles podem servir de base a leituras de questões contemporâneas.